

**A FRONTEIRA
DESGUARNECIDA**

ALBERTO PUCHEU

1997

**OBRA CONCLUÍDA COM O APOIO DO PROGRAMA DE
BOLSAS PARA ESCRITORES BRASILEIROS DA
FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL.**

SUMÁRIO

A fronteira desguarnecida .06

NA CIDADE ABERTA

I .09
II .10
III .11
IV .12
V .13
VI .14
VII .15
VIII .16
IX .17
X .18
XI .19

ESPÓLIO

Águas	.22
Tróia revisitada	.23
Prometeu	.24
Mito	.25
Lascaux	.26
Poema em vão	.27
Poema paquidérmico	.28
No museu Van Gogh	.29
Dedicado a um livro de R.Char	.30
Espólio	.31
Mementos	.32
Canto de morte de um tamoio	.33
O alferes	.34
Canudos	.35
Solilóquios da miséria	.36

EXCERTOS A PONTO DE	
PÁGINA	.38

A FRONTEIRA DESGUARNECIDA

A FRONTEIRA DESGUARNECIDA

Pela primeira vez, uma perna quer sair por minha boca, espremida. Um braço quer sair por minha boca. E o que ainda há de genitália, e o que ainda há de intestino, e o que ainda... Quer sair por minha boca. Uma parede, uma hélice, um vidro de janela querem sair por minha boca. Um carro acelerado, um pedaço de mar, um fuzil. Sob o testemunho pânico de alguns, uma desordem no corpo e nas coisas, uma fronteira desguarnecida entre a pessoa e a cidade.

NA CIDADE ABERTA

"... a fito de desenvolver mais estudos e
apuramentos só de cidade"

(Riobaldo, João Guimarães Rosa)

I

Tempo de espera... aeroporto em terra estrangeira... Tempo do pote de tinta cheio. A cidade abre a noite de páginas escuras. Nenhum vislumbre de mar na pista dos olhos. Nenhuma areia que margeie esta saudade. A melodia afônica do frio governando a pulsação do fuso-horário. Miragem. Sem palavras, as ruas impedidas pelo débito, o íntimo solapado pelos passos da distância, a cidade traficada por turistas; cartão-postal.

II

Ausência de palavras, preguiça do homem; excesso delas, estafa. Os filhos da cidade: não há outro motivo para tê-los senão o de nomeá-los. A medida de certas sílabas perfazendo uma habitação, com o movimento da mão entrelaçando o pensamento. O metabolismo suscetível de quem fala. Quantos bairros as palavras abrem para nós, quantas cosmogonias! Elas, últimos redutos da aventura.

III

Tempo de prumo. As frases dastram pela manhã uma paisagem de títulos. Revoada de senhas... espuma de tiros... Algumas vozes emprestam músculos para que se toque com o corpo o mar. A proximidade impelida pelas braçadas no esquecimento: de escamas, sargaço e tinta, o mergulho de um homem. O presente de transparências. E o sotaque oracular no momento da vazante. A cidade habitada pela praia, consentida.

IV

A cidade se mostra, sempre aos pedaços. Os requintes do arranjo mantêm o encanto, desdobrando-se dos céus ao aiucá; do que eles esquecem, quem poderá lembrar? Freqüentação... convivência no estampido da memória e do esquecimento. Os cidadãos amam esconderijos, como as frases, as esquinas e o tempo. Logogrifos. Por medo da solidão, o mistério jamais abandonou a cidade. Jamais as palavras.

V

Um despacho paira na encruzilhada encorajando alguém: um homem, um povo, uma raça. Na contramão, um outro provoca o seqüestro de qualquer esperança. Ninguém sabe ao certo que alimento arrastará os acontecimentos. Nem como subornar os imperativos do arranjo. A cidade, sem direção, cativa na permanência do desassossego.

VI

Toque de carne, cimento e mar. Cada pessoa tem uma hora marcada com os domínios da cidade, passando pela ponte curvilínea que freme nas fendas necessárias. Esbarro de gente nos prefixos do asfalto. O atropelo das buzinas legislando obrigações. A milícia do barulho provocando detenções. Os arranjos de surpresa da cidade, acatando os acidentes como acasos celebrados.

VII

Vidros de mãos dadas, marquises conjugadas, portas enfileiradas. Grudadas umas nas outras as paredes enganam a solidão. As estátuas dos santos tremem nas salas. O prolixo das coisas rindo-se de nós. Sebastianópolis: um corpo baleado por paisagens. Ao homem perdido no meio da rua resta a praia, exceção primeira na cidade. Habitar pela lição de quem nada, cumprindo da terra o vasto, e mais nada.

VIII

Estilhas atravessam à revelia as ruas, balas perdidas em carne transeunte. Escoriações no homem cometendo o cidadão. Pulsos esbarram em cotovelos. O corpo, entregue ao burburinho dos feirantes, ao grito de assalto, às falanges da torcida em seu canto, não quer descanso. Uma bandeira se desfralda pela coxa, uma culatra se aloja na axila, uma cédula nasce do nariz. No vozeio dos arranjos da cidade, o vôo inesperado da sintaxe e do sentimento.

IX

Os desejos da cidade intrometem-se nos corpos, galeras simultâneas desfazendo pela dança tiranias. Cantos... bailes... charos... arrastões na areia do refúgio. O gatilho das línguas disparadas ao mesmo tempo. Berimbolam as fronteiras desta terra. Membros errantes implantam-se entre si. Pernas de bárbaro em braço cidadão. Carburadores do morro na engrenagem do asfalto. Cabeça de rodas e chassis. O convívio com esbarros provocando, a cada instante, adesões.

X

Um corpo preto passando altivo por entre os carros na velocidade disparada do trânsito. Mulher suada de calcinha e nua no asfalto quente da beira da praia. Sol em pé, a pino, peitos, porta-estandarte do deus do amor... mansão inesperada da pobreza. Ferro temperado, aro, a carne atropelando os carros, palavras pretas e suadas no embalo atravessado desta raia.

XI

Morromares, favelasfaltos, centrobúrbios, pontilhas: a cidade em planos misturados, aberta a quem por dentro a percorre. Pernas atávicas nomadizando grades de interiores sedentários. Esta cidade tem becos e amplidões, buracos e relevos, encostas e planos... tem fronteiras desguarnecidas e o esquecimento da busca e da espera por pernas aventureiras.

ESPÓLIO

"Estamos entre ruínas"

(Manoel de Barros)

ÁGUAS

Águas disparam contra os rochedos, com metralhadoras empunhadas realizando o espetáculo. Quando amigas, unem continentes desconhecidos desde o princípio. E as inimigas ligam terras distantes por batalhas infindas. Águas suportam o fogo das naus invadidas, guardando inacessíveis nossos mortos com zelo e carinho. Mar de águas tingidas de sangue antigo. Águas que acolhem os arranjos de todas as ondas: mesmo aquele, imprevisível, mesmo aquele, tido impossível.

TRÓIA REVISITADA

Aprendo a paciência na espera de Aquiles.
Quantas horas faltarão para a morte de Pátroclo?
Ou serão décadas que terei de esperar? As páginas,
ampulhetas de papel, caminham em semicírculo de
mãos dadas com o sol. De que cor estarão os
cabelos de Helena? Que língua ela falará? Soube
que de sua voz saem líquidas vermelhas, e que um
homem perdeu a coragem em troca de seus seios.
Sem pressa pelo mediterrâneo, o destino,
despreocupado com a velocidade de Xanto e Balio,
os divinos cavalos de Aquiles.

PROMETEU

Suportarás as dores das colunas do abismo. O ferro da fronteira cravado em teu corpo apodrecerá, grilhões corrompidos por ácidos do tempo. Raios queimam os mais fracos. Os arranjos em breve derrubarão o mais forte, plasmando incessantes as ordens do dia. Tua força: a espera. E o serviço de artesanias atrelando o divino à terra. Ó deus refratário! Teus elos de sangue: o irmão, os homens: tua família.

MITO

O corpo, avulso, acorrentado pelo olhar. A parede aparentando vultos, e o medo da multidão desprendendo-se do cimento. Uma ousadia de sombras. Rompendo com as amarras do porão, o rosto revira-se. A escada. O fogo. As palavras. Imprevisto claror nas retinas inarredável. A vida nos porões... quanto mais se quer expulsá-la, mais ela se incorpora.

LASCAUX

As canções acompanham o som da rocha rompida pelos troncos da paisagem. Que árvore rangia na passagem pétrea uma lentidão para sempre perdida? Murmúrios... fetos de linguagem. Ou o rostir do tempo contra lábios desamparados! Cantava-se: não eram barganhas com o divino. Cantava-se: não eram cantos de apoderamento. Os cervos já não existem; os bisões não requisitam; quando dentro da gruta o homem descobria o canto que o atravessava.

POEMA EM VÃO
(ou POEMA UNGULADO)

O que dele me aproxima, me afasta. Anterior a mim e a Adão. Chifres alinhados do mistério perfurando desde o couro até a lua. Saco de cimento. Lama embrutecida. Trator. Tanque de guerra. Navio encalhado em terra seca. Nunca escutei sua voz, que do silêncio anuncia estrondos.

Se vós pudésseis me escutar, ó santos, por dentro dos adornos das paredes, pediria a salvação. Não a minha. Não a do amor. Nem a da humanidade: fazei com que os rinocerontes vivam (com sua maravilhosa estranheza) ainda depois do mundo acabar.

POEMA PAQUIDÉRMICO

O galope submerso do cavalo dos rios não faz barulho algum. Ele corre, como as águas em seu fluido incessante, sem nome. Sem peso. Quatro toneladas de ossos e músculos tão leves quanto algas. Nem rio há neste recôndito de intimidades imprevisas. Mergulhar, para sentir profundidades borbulhando de dentro do próprio corpo... Para sentir a boca do espanto se abrindo, até morder o coração de quem nada.

NO RIJKISMUSEUM

Resto de cachaça em garrafa de mendigo.
Amarelo de lâmpada na mão descarnada. O fogo.
O corte. O tiro. Rebelião de cores redimindo
vísceras do mundo. O rosto atravessado pelo
espaço. A árvore de vento em nuvem. Deitada na
cama, a ausência, sentada na cadeira, de pé nas
botinas. Os corvos rumam para o céu sufocante,
espantados pelo último estampido dos trigais.

**DEDICADO A UM LIVRO DE RENÉ CHAR,
NUNCA ABERTO, NA BIBLIOTECA DA
MAISON DE FRANCE DO RIO DE JANEIRO**

O céu áspero e ferruginoso da página. A divisa do tempo folheando o livro há trinta anos fechado... Os sons perdidos. Sem afago de mão, sem volúpia de bocas, sem o raio dos olhos. A pausa de uma vida escassa. Um quase exilado, este arquipélago submerso? Um deus impelido ao último alento? Que vontade de vento nas letras esparsas! Que entusiasmo, o necessário!

ESPÓLIO

Saqueados os vestígios da fronteira. Que falange exerceu esta pilhagem, impondo as demasias da conquista? O arrebatamento governando cada instante na paisagem. Todo arranjo inscrito nos muros navegados... no desembarque em território rendido às gestas incansáveis. O canto exato do solo e dos atos: espólio para sempre partilhado.

**CANTO DE MORTE DE UM TAMOIO
MORTO HÁ QUATRO SÉCULOS,
RESSUSCITADO HOJE EM MIM**

Falam melhor os tolhidos pelas lacerações, conjugando a circunstância com o momento necessário. De atalaia, os ossos pisam a busca e a terra. Carregam nos ombros as cargas vergadas por grimas. As trilhas olvidadas por entre os vãos do movimento. Estas pernas magras, aprendendo contornos e atalhos, trincheiras e galhos, dependuradas nas redes do aniquilamento.

MEMENTOS

Epitáfio de Antônio Vieira: *Aqui jaz, leitor,
aquilo que, agora mesmo, tu és.*

*

Pó por entre as mãos, rolando, até que assente
em pó parado. Pó: este fado que enfrenta qualquer
homem, turvando-lhe a visão no viés de cada dia.

*

No começo um vão, e linhas pra cerzir uma
ilusão encadernada. Não fosse o livro uma
lombada, de alto a baixo esfarelada sem poder ser
restaurada.

O ALFERES

Se a vida o quisesse de novo, voltaria, desdobrado, com as dez vidas que não teve, mas que lhe deram ao matá-lo. Pelos dez cantos do mundo, voltaria, com destino vário: o das dez partes em que os cavalos o cortaram. Voltaria com os pedaços espalhados: as pernas conspirando na Europa, os braços maquinando pelo sul, a cabeça proliferando em todas as cidades. O desejo de voltar segredado pelas praças. Se a vida o quisesse de novo, voltaria, despedaçado.

CANUDOS

Lugar que esconde uma sílaba, degolada, debaixo do cangaço. Uma história de facas, o ventre da seca destripado. A vida pelo avesso na defesa do milagre. A bandeira do delírio construindo a resistência na cidade. Paredes do divino, sinos, ladainhas do combate. Do meio da raleia congregada, a lição conselheira se espalha, invadindo as capitais: a balbúrdia do silêncio alucina.

SOLILÓQUIOS DA MISÉRIA

Amputaram-me a língua e os dentes.
Quebraram-me as maxilas. Humilharam-me:
minha boca já não morde. Minha fome já não
dorme; o que tinha não mais tenho.

*

Seja a miséria a voz que ousa dizer: tudo sofri.
Seja a miséria a voz que ousa dizer: quero agora
esta boca como está. Seja a miséria a voz que ousa
dizer: lançarei este instante no devir... seja um
prenúncio do alevantamento.

*

Poucas palavras para este rosto de músculos
quebrados buscar vozes que queiram com a sua se
unir. A boca aprendendo, forçada, o
contorcionismo das dores soletradas. Nosso solo:
sussurros abafados, projéteis, o livro do presente,
do passado, e do porvir.

EXCERTOS A PONTO DE PÁGINA

"um livro grande é igual a um grande mal"

(Calímaco)

Edificar escombros,
como uma coleção de epígrafes.

As sobras do tempo revelando compromissos.

O mais novo interdito: não há lugar para o livro.
Transgressão em exercício: o livro como lugar.

O sotaque das línguas de uma cidade.

Quando a aderência entre papel, cidade
e tinta não atura repelentes,
a palavra a ponto de página.

O poema comporta assunto
e assinatura; poesia:
um exclamativo tautológico.

Genealogia. Logogenia. Também em algumas
palavras a ordem dos fatores não altera o produto.

O visível e o invisível não são tarefas para o escritor,
mas para o pintor. O inescritível, como escrevê-lo? No
entremeio, um sentinela com senhas.

A frase,
no prelo do pensamento.

A mesma frase acerta a presa mirada e outras,
trazidas pelo arranjo.

Cada vogal, consoante, acento ou pontuação,
combatendo-se de modo seletivo.

Verso: espólio: não o começo
da guerra;
sua conseqüência premiada.

Muscular, a palavra exercita
a resistência. Do pensamento.

Em solo estéril, ainda assim, reclusa como um coco
sobre si, uma palavra agüentará milênios. À espera de
um sismo que a ajude novamente a respirar.

A última palavra desdobra-se pela página...
Cissiparidade.

... a miséria e o perigo de uma frase
estancada...